

A Saúde Pública Mundial Através dos Tempos

1 – A Saúde e a Doença Numa Perspectiva Histórica:

1.1 – Introdução – a saúde não pode ser considerada é um fenômeno isolado, ou seja, encontra-se profundamente relacionada com o contexto sócio-cultural, sendo que a percepção da saúde ou do oposto, a enfermidade, isto é, o reconhecimento da falta daquela, tem variado de acordo com os padrões culturais. Conforme se sabe, desde o início da história da humanidade o ser humano já se preocupava com a saúde, reconhecendo que a doença representava, além de sofrimento e tristeza, num ônus considerável para as pessoas, a família e a nação.

Fazendo-se uma retrospectiva histórica, percebe-se que os caminhos percorridos pelo homem na face da terra deixaram registros que a interpretação histórica pode explorar através de medidores culturais que, ainda nos dias atuais, poderão ser reproduzidos, ou mesmo observados, em alguns tipos de sociedades ou populações tribais. A enfermidade e a dor preocupam a humanidade, desde os seus primórdios, sendo que as primeiras indagações sobre a dor, a febre e a hemorragia ou outros fenômenos, rolaram séculos abaixo, como produto de manifestações divinas ou diabólicas, segundo se acreditava.

Para os fenômenos vida e morte, saúde ou doença, as forças místicas impunham deuses e demônios quase sempre encarnados em sacerdotes e feiticeiros, cuja impregnação cultural ainda perduram até os dias hodiernos. Portanto as populações primitivas atribuíam a saúde ou a moléstia como uma manifestação dos desejos divinos e os “pajés” (precursores dos médicos atuais), ajudavam as pessoas enfermas, orando e fazendo sacrifícios aos deuses, objetivando atendê-los e proteger seus pacientes das mazelas que os acometiam.

A magia tribal que explicava os fenômeno mórbidos como um castigo divino (dos deuses) originou por um lado à ciência e a arte, e por outro a religião, sendo, portanto, mãe dessas três últimas. *Numa etapa mais evolutiva foi substituído o trabalho dos curandeiros pelo da assistência médica que surgiu junto com a chamada arte de curar, a Medicina.* Segundo os nossos conhecimentos hodiernos, a Mesopotâmia como berço da civilização no planeta, foi onde também apareceu a linguagem escrita mais antiga que se conhece. Esta linguagem se desenvolveu com a finalidade relatar os fatos que ia se sucedendo, sendo que o solo, o clima e o estágio cultural permitiram a construção de tábuas de argila, onde eram escritos, assuntos importantes para aquela sociedade (como o uso das águas e dos solos, cuidados com a higiene e

saneamento do ambiente, assuntos relacionados com a saúde e doenças, entre outros) que iniciava a sua caminhada, que estão preservado até os dias atuais.

Desde a origem da espécie, o homem, por instinto de defesa, procurou remédio contra ferimentos e doenças. *Vestígios do neolítico mostram que já se praticava então a trepanação e se conheciam as propriedades curativas de agentes naturais como a luz solar, o frio, o calor e a água.* O homem sempre procurou, com oferendas, sacrifícios e invocações, acalmar a ira das divindades e delas obter complacência, alívio e cura de seus males. Ao mesmo tempo, porém, tentou encontrar na natureza recursos para afastar as doenças e minorar ou anular seus efeitos maléficis. *Receitas para o preparo de medicamentos aparecem numa placa de argila com cerca de cinco mil anos, encontrada em escavações realizadas na Suméria. É o documento farmacológico mais antigo que se conhece.*

Várias representações gráficas, ossos humanos e objetos de uso cirúrgico encontrados em sítios pré-históricos mostram o registro da tentativa de tratar de doenças como raquitismo, obesidade, reumatismo e tuberculose. Algumas fraturas consolidadas observadas em fósseis podem creditar-se à cura natural, mas outras resultaram inegavelmente da intervenção humana.

1.2 – Medicina Primitiva – simples, intuitiva, rudimentar e instintiva despontou a medicina entre os homens primitivos; primárias noções os orientavam, relacionadas exclusivamente às enfermidades de causas externas, visíveis e demonstráveis: os ferimentos causados por um espinho, uma pedra, ou as infecções parasitárias, entre outras; era relativamente fácil combatê-las: retirado o corpo estranho, a natureza se incumbia de continuar a cura. Daí chegou-se à valorização dos elementos naturais de propriedades balsâmicas: a luz do sol, o calor, a água e, posteriormente, as plantas.

Mas quando a causa não era identificável, a carência de uma explicação racional forjava a atribuição da doença a agentes místéricos e mágicos: às estrelas e a outros corpos, celestes ou terrestres. Assim firmou-se a crença de que os astros determinavam o curso da vida humana. *A medicina mágica surgiu, então, como deficiência da medicina empírica: o que ela não podia resolver era computado como atuação sobrenatural – de estrelas, aves malignas, entre outras.* E o combate a essas forças – a medicina mágica – incluía o sacrifício de animais sagrados (o cordeiro e a vaca, por exemplo) ou a intervenção de homens hábeis na arte de comunicar-se com elas, e que por orações e ameaças deviam fazê-las retroceder. Essa terapêutica incluía o emprego de fórmulas mágicas, encantamentos, sortilégios; o porte de ossos, cinzas de mortos, garras e dentes de animais; e a ingestão de órgãos de animais ou inimigos mortos. **Típica demonstração da crença na luta entre o Bem e o Mal.**

Estreita, portanto, foi à relação que a medicina primitiva manteve com a observação da natureza e as crenças místicas. Mesmo assim, produziu uma técnica cirúrgica bastante eficiente: tanto para a extração de corpos estranhos, abertura de abscessos e sangrias, quanto para operações mais sérias como a trepanação do crânio – a mais antiga de que se tem notícia. Para todas, valiam os mesmos instrumentos: pedras aguçadas. E a mesma motivação mística, afastada de qualquer intuito científico.

1.3 – Higiene e Religiosidade – as sociedades mais antigas que se desenvolveram muito antes da era cristã (assírios-babilônicos, sumérios, hebreus, egípcios, hebreus, gregos, romanos, etc.), cultuavam o corpo e por isso mesmo, raciocinavam no sentido da saúde física, sendo, portanto, a época em que a constituição física era consequência da condição de saúde; concepção esta que rolaram séculos e perdurando aproximadamente até o século XVI.

Portanto, a maioria dos povos primitivos realizava a higiene pessoal e a limpeza, que estavam intimamente relacionadas com as práticas e preceitos religiosos e, em geral, com a finalidade de aparecerem puros aos olhos dos deuses. E assim, durante milhares de anos, as sociedades encaravam as epidemias como sentenças divinas, ou seja, uma forma de castigar as perversidades do homem. E desse modo, a higiene tem preocupado o homem desde o começo das civilizações e a idéia de que a pestilência tem causas naturais, como o clima e o ambiente, evoluiu, porém, de forma gradual.

2 - A Aurora da Saúde Pública:

2.1 – Introdução – a medicina sumeriana praticada há mais de cinco mil anos (registrada em tábuas que datam de 3.000 a.C.), demonstravam a preocupação daqueles povos (os sumérios) com a saúde e que, posteriormente, foi incorporada no código de Humaribi (rei babilônico Hamurabi, 2.100 a.C.). O código legal de Hamurabi, nada mais era senão cópia de leis sumerianas, que serviram de base para o direito babilônio, assírio, caldeu e hebreu. Talvez a maior contribuição da Civilização Sumeriana ou Babilônia Primitiva tenha sido o Código de Hamurabi. Ainda hoje, existem traços culturais relacionados com a lepra (hanseníase) de origem sumeriana, deixando profundas marcas na Medicina primitiva que se perpetua até os nossos dias; que perpassou o tempo pelos escritos bíblicos através do Velho Testamento mosaico, passando antes pelo clã de Abraão (1.450 e 1.500 a.C.) e pela civilização egípcia.

O papiro de Ebers (de 1.500 a.C.) contém uma lista de medicamentos, entre os quais alguns com propriedades reconhecidas na atualidade, como o ferro, usado para combater anemias. Também

entre babilônios e assírios, chineses, indianos, povos incas e pré-incaicos era comum à utilização de plantas com fins curativos.

Alguns relatos de tradições médicas na Índia em torno de 2.000 anos a.C. recomendavam que ***“a água deve ser purificada pela fervura sobre o fogo, pelo aquecimento no sol, mergulhando um ferro em brasa dentro dela, ou pode ainda ser depurada pela filtração em areia ou cascalho, e então resfriada”***.

Foi com Hipócrates (considerado o pai da Medicina) que surgiu a fase que se pode chamar de Medicina empírica. Castiglione, no resumo abaixo, descreve, com profundidade, o início dessa fase: “O médico grego não era profeta, sacerdote ou mágico. Não era depositário de segredos divinos, mas um ser independente, guiado por seu próprio pensamento crítico e animado de necessidade urgente de procurar uma explicação lógica dos fenômenos naturais. Assim, na história do pensamento médico, Hipócrates e sua escola ignoraram o santuário dos deuses e fizeram da observação clínica e do raciocínio crítico seus campos de atividade. Reconheceram a necessidade de hipóteses para explicar os fenômenos naturais e criaram o método magistral de investigação e de análise rigorosa de todo o conhecimento”.

A higiene individual e os serviços públicos de saneamento do ambiente tiveram grande desenvolvimento nas cidades gregas, onde a vida pública teve muita importância e o homem livre era antes de tudo um cidadão participante de todos os aspectos da vida social, inclusive os mais sábios divulgavam seus conhecimentos sobre diversos assuntos nas praças públicas, onde a higiene e a saúde pública alcançaram sucessos notáveis.

Posteriormente, os romanos, adotaram essas medidas, sendo a maior preocupação sanitária da antiga Roma, o cuidado do corpo e o saneamento do ambiente; bem demonstrado através da instalação de uma rede completa de canais, aquedutos e fossas, bem como, termas, banhos públicos e esgotos em todas as cidades do Império.

Tudo indica que os romanos aprenderam com os etruscos, pois esse povo naquela época, já sabia muito bem como transportar e utilizar água à distância, entretanto, pelo desenvolvimento tecnológico alcançado, o suprimento romano de água é único na História da Humanidade. Os romanos também aprenderam com os etruscos, uma forma eficiente de cuidar de seus dejetos, pois a drenagem da Cloaca Máxima, as terras inundáveis eram drenadas e saneadas por engenheiros toscanos (etruscos).

Os romanos copiavam e executavam essas idéias com todo o luxo que dispunham. Enquanto a fabulosa Roma Imperial possuía cerca de 800 banhos públicos, a plebe vivia amontoada na

Suburra (local semelhante ou pior que as mais pobres favelas ou guetos de hoje); pois nem mesmo os guardas (policiais da época) se atreviam a entrar sozinhos naqueles locais. Ainda assim, sob determinados aspectos às condições higiênicas na antiga Roma foram melhores que as existentes em muitas regiões hoje em dia. Na época áurea, cada cidadão romano dispunha de 600 litros diários de água, enquanto que na Berlim do Terceiro Reich, dispunha-se somente de 110 litros per capita, e esta situação não se modificou muito nas grandes metrópoles atuais, que ainda se encontram às voltas com problemas de abastecimento e tudo indica de difícil solução; devido o seu desordenado crescimento populacional produzido pelo êxodo rural, especialmente nos países do Terceiro Mundo.

Os hospitais, no modelo que são conhecidos atualmente, ao que tudo indica, surgiram antes da era Cristã (369 a.C.) e durante o período da Idade Média ocorreu à fundação de um grande número desses estabelecimentos por toda a Europa. Desde então, até o século XVIII a assistência médica nos hospitais de caridade, a doentes internados ou não, era feita em nome da caridade da fé Cristã. Em Portugal surgiram as Santas Casas de Misericórdia, a partir de 1.498.

No século XIX ocorreram, graças ao movimento filosófico do século anterior, transformações nas finalidades dos hospitais, que se tornaram mais filantrópicos e, também, mais científicos, graças ao grande desenvolvimento de todos os pensamentos científicos e do início da revolução tecnológica. A assistência médica passou também por mudanças rápidas, seguindo as transformações sócio-econômicas que vieram com o movimento mundial de industrialização.

2.2 – Saneamento do Ambiente – desde o início da história da humanidade os grandes problemas de saúde enfrentados pela espécie humana estiveram sempre relacionados com a natureza da vida comunitária e desse modo, ter saúde ou está enfermo eram reflexos do ambiente em que viviam os indivíduos. O saneamento sempre foi uma das primeiras preocupações do homem desde as mais antigas civilizações, pois existem relatos de ruínas arqueológicas de cerca de dois mil anos a.C. (quatro mil anos atrás) de uma grande civilização que se desenvolveu no norte da Índia, onde tudo indica, já existiam leis para o planejamento das cidades com ruas largas, pavimentadas e drenada por um sistema de esgoto coberto. Este sistema de esgotamento sanitário era construído abaixo do nível da rua, com blocos de tijolos rejuntados com uma argamassa de barro a fim de evitar vazamentos. Existia também um padrão habitacional, visto que existiam banheiros drenados por canos de cerâmica, embutidos, e com emplastro de gesso a fim de se evitar vazamentos.

Ruínas arqueológicas mesopotâmicas demonstram que em torno de 2.500 anos a.C., já se construía aquedutos e canalizações com a finalidade de conduzir água das nascentes (rios,

lagos e outros mananciais distantes) para as cidades. Também no Egito, no Médio Império (2.100-1.700 a.C.), foram descobertas ruínas em Kahun, cidade construída por ordem do faraó, obedecendo a um planejamento unificado, onde se teve a preocupação de colocar uma calha feita com pedras de mármore no centro da rua para o escoamento das águas. Também já existiam banheiros nas habitações naquela época.

Cerca de quatro mil anos atrás praticamente já se tinha resolvido o problema de abastecimento de água para as comunidades maiores (povoações, vilas e cidades). Grandes aquedutos foram construídos pela cultura creto-micênica e a cidade de Tróia já possui um sistema bastante engenhoso de suprimento do precioso líquido. Em todos os lugares onde existiam sistemas de abastecimento de água de beber, era também regulamentado o destino das excretas, através do desenvolvimento de sistemas de esgotamento sanitário.

Aproximadamente cem anos após o aparecimento das primeiras civilizações (na Mesopotâmia) apareceu a primeira grande civilização ocidental (civilização egípcia), onde foi introduzida uma assistência médica estatal, sendo aí a semente responsável pela que se conhece atualmente de medicina hospitalar, atestando dessa maneira um estágio mais elevado de civilização. Civilizações como a Mesopotâmica e a Egípcia construíram imensas obras de saneamento, chegando a transformar alagados e pântanos em plantações e locais adequados ao assentamento humano, canalizando vertentes e adotando normas para evitar a proliferação de enfermidades.

O saneamento era uma preocupação constante dos hebreus, na tentativa de prevenir a doença. Os romanos se preocupavam com a higiene tanto do corpo (conforme já visto), através dos banhos térmicos, como da higiene com a água de beber, através da construção de aquedutos (que até hoje serve a população) que recolhiam água das nascentes, sem nenhum processo de contaminação.

Nota – este texto é, na realidade, uma breve introdução, por isso queremos esclarecer aos interessados no assunto, que para obter o texto na íntegra (total), basta solicitá-lo, que atenderemos todos os pedidos e enviaremos os mesmos pelos Correios e Telégrafos; portanto, entre em contato conosco através dos nossos telefones ou e-mail.

À Direção.

Maceió, Janeiro de 2.012

Autor: Mário Jorge Martins.

Prof. Adjunto de Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL).

Mestre em Parasitologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Médico da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA).